

Convergência e memória: jornalismo, contexto e história¹

Convergence and memory: journalism, context and history

■ MARCOS PALACIOS *

RESUMO

Nunca em tempos históricos nossa sociedade esteve tão envolvida e ocupada em processos de produção de memória; nunca o estoque de memória social esteve tão fácil e rapidamente disponível, e nunca esteve o jornalismo – enquanto prática social – tão centralmente localizado em meio a tudo isso. Partindo dessa tese, e no contexto das mídias digitais, este ensaio explora as recentes transformações nas relações entre Memória e Jornalismo, tanto no que diz respeito à concepção do Jornalismo enquanto um repositório de memória para a produção de relatos históricos, quanto no que diz respeito aos padrões do trabalho de Memória acionados na própria produção dos textos jornalísticos.

Palavras-chave: jornalismo, memória, história, convergência

ABSTRACT

Never before was our society so wrapped and occupied in processes of production of memory; the stock of social memory was never before so easily and quickly available and never before has journalism – as a social practice – been so centrally located amid this accelerated process of production and preservation of memory. Starting from these ideas, and within the context of digital media, this essay explores recent transformations in the relationship between Memory and Journalism, both as it concerns journalism as a repository of memory for the production of historical works, as in terms of changing patterns and effects of the work of memory operated in the production of journalistic texts.

Keywords: journalism, memory, history, convergence

* Jornalista profissional e Ph.D. em Sociologia pela University of Liverpool. Professor titular de Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Atualmente na Universidade da Beira Interior (Portugal) como professor catedrático visitante.

1. Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no Ier. Congreso de Ciberperiodismo y Web 2.0, Bilbao, novembro 2009. Disponível em: < <http://ciberpebi.wordpress.com/ediciones-antiores-2/>>. Acesso em 5 ago. 2010.

D

Convergência e memória: jornalismo, contexto e história

“El engaño y su descubrimiento nos hacen ver que también el pasado es inestable y movedizo, que ni siquiera lo que parece ya firme y a salvo en él es de una vez ni es para siempre, que lo que fue está también integrado por lo que no fue, y que lo que no fue aún puede ser”

(Javier Marías, *Discurso do Prêmio Rómulo Gallegos*, 1995)

PODE PARECER PARADOXAL, nos dias que (es)correm, propor-se como tema de elaboração acadêmica questões relacionadas com Memória, História e Contexto. Paradoxal em um duplo sentido.

Por um lado – e partindo-se apenas do senso comum e da *vox populi* – é dito, repetido e tido por sabido que *jornalismo não tem memória* e que *o jornal de ontem só serve para embrulhar peixe*. Por outro lado – e levando-se em conta o tom que povoa e domina ultimamente os debates acadêmicos –, é igualmente voz corrente que vivemos em tempos líquidos, que passamos

... da fase sólida da modernidade para a líquida – ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (...) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (Bauman, 2007: 7).

Ou seja, agora tudo que era estável e sólido não se contenta mais com apenas “desmanchar-se no ar” (Marx, 1848: 29), mas se liquefaz e escorre inapelavelmente por entre nossos dedos.

E afirma-se, ademais, para ainda mais paradoxal tornar o nosso intuito neste texto, que “velocidade, e não duração é o que importa [pois] com a velocidade certa se pode consumir toda a eternidade do presente contínuo da vida terrena” (Bauman, 2007: 15). Em tempos líquidos, nos quais importa velocidade e não duração, onde fica a Memória? Em uma contemporaneidade caracterizada como presente contínuo, não estaria o jornalismo, mais que nunca, condenado a ser a crônica de uma *Atualidade* para a qual importa pouco ou nada o passado e para a qual o futuro, quando existe, passa a ser uma questão de *fazer render o Acontecimento*, transmutado em *Notícia*, até quando possa durar o interesse público e até quando possam ser mantidos em alta os índices de audiência?

Minha proposta neste texto é buscar, senão demonstrar, ao menos sugerir que – *contrario sensu* – nunca em tempos históricos nossa sociedade esteve tão

envolvida e ocupada em processos de produção de memória; nunca o estoque de memória social esteve tão fácil e rapidamente disponível, bem como o jornalismo tão centralmente localizado em meio a tudo isso.

Neste intento, vou naturalmente socorrer-me de vozes que me precederam, delas livremente apropriando-me e buscando produzir elos que conduzam – se não a conclusões amplamente aceitáveis – ao menos a profícuas dissensões.

Para melhor organização, o texto está estruturado em três momentos: Antecedências, Incidências e Consequências.

ANTECEDÊNCIAS

A comunicação humana é um processo artificial. Baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos. Os homens comunicam-se uns com os outros de uma maneira não *natural*: na fala não são produzidos sons naturais como, por exemplo, no canto dos pássaros, e a escrita não é um gesto natural, como a dança das abelhas (Flusser, 2007: 89).

Igualmente artificial tornou-se nossa memória, desde o momento em que um ancestral nosso, em longínquo passado neolítico, riscou a pedra e perenizou os primeiros sinais indicativos de que ali estava em ação e habitando o mundo uma espécie animal que pretendia deixar marcas de sua existência que sobrevivessem ao artífice que as lavrava.

Técnicas sucessivas, da pintura rupestre à escrita e aos meios digitais e convergentes de nossa contemporaneidade, possibilitaram a externalização da memória (Maldonado, 2007: 61-68), criando “lugares de memória” (Nora, 1993: 13) para além das lembranças transmitidas oralmente e custodiadas pelos patriarcas e conselhos de anciãos. “No momento em que se concebe a hipótese de um futuro diferente do passado, dá-se o rompimento com o mundo da tradição e das ordens eternizadas” (Sodré, 2009: 22).

Memória e História estão longe de ser sinônimos.

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais [e] a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado (Sodré, 2009: 9).

Os *lugares de memória* nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, produzir atas, porque essas operações não são naturais (Nora, 1993: 13).

Assim, se a oposição entre História e Memória for aceita, percebe-se de imediato o duplo lugar ocupado pelo Jornalismo, desde a Modernidade: espaço

D

Convergência e memória: jornalismo, contexto e história

vivo de produção da Atualidade, lugar de agendamento imediato, e igualmente lugar de memória, produtor de repositórios de registros sistemáticos do cotidiano, para posterior apropriação e (re)construção histórica. E, nesse sentido, pode ser tão importante para a (re)construção histórica aquilo que se publica nos jornais e se diz no rádio e na TV, como aquilo que não se publica, que não se diz: o *dito* e o *interdito*.

O jornalismo contemporâneo tem suas raízes na cidade, no fenômeno urbano moderno, representado pelas massivas movimentações de coisas e pessoas fomentadas pelo industrialismo (Hobsbawn, 1995). O jornal diário passa a ocupar o lugar onde outrora estiveram o galo, o sino das igrejas e a posição do sol na abóbada celeste na marcação do tempo da vida daqueles seres, desde então urbanizados. “(...) é a ideia de um aqui e agora, ou seja, de espaço e tempo entrecruzados, que preside à singularização do fato” (Sodré, 2009: 26).

A cidade teve um papel predominante na reestruturação geral do jornalismo. Em seus inícios, o jornalismo ocupava a maior parte de suas edições com notas e documentos oficiais, ao passo que nos finais do século [XIX] descobriu a cidade como fonte de notícias. O mundo público deixou de limitar-se aos assuntos do governo ou do comércio, para referir-se a todo fato que, na visão dos jornalistas, tinha interesse coletivo no seio de uma comunidade” (Machado, 2000).

E no alvorecer do século XX,

o homem contemporâneo, que via no crescimento das cidades um motivo permanente de angústia exatamente pela perda de um controle sobre a realidade circundante, depositou sobre esse profissional [jornalista] (...) a missão de levar o fato aos ausentes (...) [a missão de] ser o olhar da própria sociedade, angustiada com a velocidade da modernidade, que impedia de ver o que estava acontecendo à sua volta (Enne, 2004: 112).

Juntamente com o declínio do mundo rural e a acelerada urbanização industrialista, a memória cada vez mais se externalizava, à medida que definham os últimos traços de um passado oral e camponês e avançava a alfabetização universal (Jackson, 2005), delegando, definitivamente, ao texto, às imagens fotográficas e ao nascente cinema, a tarefa de registrar, no plano pessoal e coletivo, o cotidiano de reis, burgueses e proletários, legando testemunhos² à posteridade.

Assim sendo, temos que dar razão (ao menos parcial e provisória) à *vox populi*, quando afirma que o jornalismo que conhecemos em nossa Contemporaneidade, com suas origens históricas na Modernidade, não *tem* memória. Tomando-se a questão por essa ótica, o jornalismo *é* memória em ato,

2. Para uma excelente e muito atualizada discussão da questão do *testemunho* na sociedade midiática contemporânea, veja-se Frosh & Pinchevski (orgs.) (2009).

memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será *passado relatado*. Um passado relatado que, no início, renovava-se a cada dia, e com o advento do rádio, da televisão e da *web*, tornou-se relato contínuo e ininterrupto, nas coberturas jornalísticas 24 x 7³.

3. 24 horas por dia,
sete dias por semana.

E como a memória é, por natureza, múltipla, coletiva, plural e individualizada, tantos passados relatados haverá quantos forem os relatos registrados: convergentes, conflitantes, contraditórios, a despeito de toda e qualquer pretensão de objetivismo e imparcialidade das deontologias jornalísticas vigentes. Como todo passado, o passado construído pela atividade jornalística nada tem de consensual: trata-se, pelo contrário, de universo de significados disputados conflitivamente (Appadurai, 1981), não existindo, portanto, harmonia de versões, nem tampouco história definitiva, versão fechada e acabada de fatos históricos.

Transmutado, no dia seguinte, em *papel de embrulhar peixe*, o jornal transforma-se também, para o olhar do historiador, em *lugar de memória* e vai ocupar seu espaço passivo ao lado de tantos outros documentos, nas bibliotecas e hemerotecas, à espera de quem dali – *seletivamente* – recolha e organize marcas e indícios para – valendo-se dos valores e parâmetros acadêmicos e metodológicos vigentes – (re)(a)presentar o passado como história. Incorporada no relato histórico, a memória deixa de ser memória para ser provisória verdade: *verdade histórica*, que vai durar até a próxima apropriação, até a próxima interpretação.

Mas será que é apenas como material para o historiador que a memória está presente no jornalismo, apenas como essa espécie de “primeiro rascunho” (Zelizer, 2008: 81) da História, aguardando por um olhar profissional que transforme esse *rascunho* em *texto acabado, versão final*, em história, na acepção disciplinar de um campo de estudos das Humanidades? Será que também não executa o jornalismo, em sua própria tessitura, em seu fazer-se, trabalhos de memória?

Um olhar sobre o próprio processo do fazer jornalístico revela que, em inúmeras ocasiões, o recurso à memória na produção dos conteúdos jornalísticos é evidente. O acionamento da memória é condição de produção em peças jornalísticas de caráter comemorativo (aniversários de eventos ou pessoas) e naqueles em que o fato presente está sinalizando um fim de trajetória, como nos obituários, por exemplo. É este, sempre, o caso em peças jornalísticas que marcam o fim de processos que se estenderam e foram (jornalisticamente) acompanhados ao longo de uma dada temporalidade, sejam tais processos a vida e a morte de um *homem de qualidade* (Musil, 1989) – presidente, Papa ou monstro –, seja a discussão e a aprovação de

D

Convergência e memória: jornalismo, contexto e história

um novo projeto de lei. Ainda mais evidente está o recurso à memória nas reportagens-sínteses, nas retrospectivas dos *atos marcantes do ano*, inevitáveis a cada final de dezembro, nas páginas dos jornais, nas telas das TVs, nos *sites* jornalísticos.

Mas não apenas em obituários e aniversários o trabalho direto da memória se faz presente na produção dos textos jornalísticos. A memória entra em ação de maneira recorrente, de modo quase natural, na produção do relato da atualidade, seja como *ponto de comparação* do evento presente com eventos passados (sejam localizados em um passado recente ou mais remoto), como oportunidades de *analogias*, como convites à *nostalgia*, ou mesmo através da apresentação do presente como elemento para *desconstruir e tornar a construir*, sob a luz de novos fatos, os acontecimentos do passado (Zelizer, 2008: 82).

Contrariando o senso comum, um olhar mais atento e analítico às páginas de uma única edição de um jornal revela que o trabalho de memória é uma recorrência na construção do retrato do presente, cotidianamente produzido pela atividade jornalística em nossas sociedades. Revelar, empiricamente, como se processa esse trabalho de memória no interior das construções discursivas jornalísticas é tarefa da análise de discurso e da semiótica; os mecanismos de enunciação e os índices são mais que evidentes e estão disponíveis para quem quiser lê-los.

INCIDÊNCIAS

O fluxo contínuo de informação de Atualidade já estava conosco antes das redes telemáticas. Foi o rádio (Hobsbawn, 1995: 190-197) inicialmente, mas principalmente a televisão – logo depois – que rompeu com a marcação jornalística da temporalidade em bases de um dia a dia, em seu sentido mais literal. De chofre, de maneira abrupta, passamos de uma situação em que (por mais de cem anos), uma *ração diária de realidade*, uma seleção daquilo que os profissionais da informação singularizavam em nosso entorno como *aquilo que era preciso saber* nos era servida, formatada como um jornal diário, colocada à mesa do café da manhã a cada 24 horas, para uma situação em que essa mesma *realidade*, essas “marcas particulares de instantes factuais” (Sodré, 2009: 26), jornalisticamente selecionadas e construídas, passaram a fluir de maneira contínua e ininterrupta, ou quase.

Com as redes telemáticas – e a *Web* em particular – a continuidade do fluxo se completa, estabelecendo, de modo definitivo, a midiavivência da *vida em tempo real*.

A convergência tecnológica que atualmente multiplica as combinações de formatos, linguagens e estéticas, nas diversas telas, abre novos cenários e possibilidades que, por sua vez, contribuem para facilitar outros modos de interação comunicativa às suas audiências (...) [e] as audiências vão deixando de ser apenas isso e vão se tornando usuárias, produtoras e emissoras, uma vez que a interatividade que as novas telas possibilitam ultrapassa a mera interação simbólica entre elas, para situar as audiências (...) como possíveis criadoras de seus próprios referentes e não apenas recriadoras simbólicas de significados ou interpretações dos referentes produzidos e emitidos por outros através dessas telas (Orozco Gómez, 2009: 183-184).

Estamos, portanto, em termos de *Incidências*, frente a um fato de imensas proporções, no que tange à secular imobilidade das polaridades tradicionais: emissores e receptores. As redes – e a *web* em particular – inauguraram formas de comunicação pós-massivas (Lemos, 2007: 121-137), fazendo dos atos de consumir e produzir informação polos de alternância e não, necessariamente, de permanência.

Alteram-se substancialmente as formas de perceber e ler o mundo.

(...) a alta tecnologia tornou possível percorrer, em alguns segundos, toda a gama de canais de televisão existentes, (...) qualquer criança pode congelar fotogramas e repetir um som ou trecho visual, como antes só se podiam reler trechos textuais; (...) a ilusão teatral não é nada em comparação com o que a tecnologia pode fazer em comerciais de televisão, inclusive contando uma história dramática em trinta segundos (Hobsbawn, 1995: 485).

O mundo passou a fluir não apenas de modo continuado, mas também em forma multilinear e personalizável, nas muitas telas que compõem o nosso contemporâneo de mídias convergentes, múltiplas interfaces e plurivocalidades.

Sinaliza-se porventura o *fim do jornalismo*? Tendo tantas e tão variadas possibilidades de informação à simples distância de um *clic* de *mouse*, tornando-nos não só consumidores mas também produtores de informação globalizada e em rede, podemos dispensar os intermediários e determinar nossas próprias agendas, sem necessidade daqueles que a Modernidade erigiu como nossos principais fornecedores da informação de cada dia?

Longe disso. Há uma década já ficava clara a ilusão da possibilidade de tais descartes de intermediação:

D

Convergência e memória: jornalismo, contexto e história

... comunicação direta, sem mediações, como uma mera performance técnica. Isso apela para sonhos de liberdade individual, mas é ilusório. A Rede pode dar acesso a uma massa de informações, mas ninguém é um cidadão do mundo, querendo saber tudo, sobre tudo, no mundo inteiro. Quanto mais informação há, maior é a necessidade de intermediários – jornalistas, arquivistas, editores etc – que filtrem, organizem, priorizem. Ninguém quer assumir o papel de editor-chefe a cada manhã (Wolton, 1999)⁴.

4 Tradução do autor.

Os novos modos de operação da economia contemporânea, que fazem da *atenção* (Goldhaber, 1997) o produto verdadeiramente escasso em meio à superabundância de informação, tornam ainda mais indispensáveis as habilidades dos que filtram. E é em novas bases que se processa a atividade de filtragem jornalística neste mundo dos *tempos reais*.

Em primeiro lugar, e como fato mediático mais importante, na *web*, dissolvem-se (pelo menos para efeitos práticos) os limites de espaço e/ou tempo que o jornalista tem à sua disposição para a apresentação do material noticioso que produz.

Trabalhando com bancos de dados alojados em máquinas de crescente capacidade de armazenamento e contando com a possibilidade do acesso assíncrono por parte do usuário, bem como de alimentação (Atualização Contínua) de tais bancos de dados por parte não só do produtor, mas também do usuário (Interatividade), além do recurso sempre possível da hiperlinkagem a outros bancos de dados (Hipertextualidade e Multimídia), o Jornalismo Online, para efeitos práticos, dispõe de espaço virtualmente ilimitado⁵, no que diz respeito à quantidade de informação que pode ser produzida, recuperada, associada e colocada à disposição do seu público-alvo.

É fundamental que se enfatize que se trata da primeira vez que isso ocorre na História do Jornalismo, uma vez que, em todos os suportes anteriores (impresso, rádio, TV), o jornalista era obrigado a conviver com rígidas limitações de espaço (que se traduzem em tempo, no caso do rádio e TV). Tais limitações sempre constituíram, evidentemente, um fator condicionante essencial nos processos de produção jornalística em todos os suportes mediáticos” (Palacios, 2003: 24).

A possibilidade de dispor de espaço ilimitado para a apresentação do material noticioso é a maior ruptura resultante do advento da *web* como suporte mediático para o jornalismo.

Retomemos então, nestas *Incidências*, a questão da memória. Se é fato que nem toda informação é jornalismo e que a atividade jornalística não se confunde (por suas especificidades técnicas e pelos modos de sua inserção no mundo do

5 É evidente que, fisicamente (limitações de *hardware*/capacidade de utilização dos usuários potenciais), os limites continuam existindo, mas para efeitos práticos da produção jornalística eles desaparecem, tal é a magnitude da quantidade de espaço colocado à disposição do produtor/disponibilizador da informação.

trabalho e da produção) com o simples testemunho, é igualmente fato que a comunicação rizomática e a liberação do polo emissor multiplicaram – a perder de vista – os lugares de memória em rede, tornando cada usuário um potencial produtor de memórias, de testemunhos.

É evidente que pelo menos parte de tais registros sobreviverão a seus produtores, como ao comunicador neolítico sobreviveram as marcas gravadas nas pedras ou as pinturas rupestres.

É evidente também que parte desses registros e testemunhos tornados públicos a cada dia, disponibilizados na *web* por incontáveis escribas anônimos ou não, acabam por incorporar-se aos produtos jornalísticos contemporâneos, à medida em que o jornalismo se torna mais aberto a uma certa *plurivocalidade*, a um certo *teor conversacional*. E não importa aqui que possam ser puramente comerciais e voltadas para a captura e fidelização de audiências as motivações que levam a esses movimentos de abertura, que possibilitam o incremento da participação do usuário no âmbito dos produtos gerados pelas grandes empresas de comunicação (Palacios, 2009a). Com relação à memória, é possível caracterizar-se também uma situação de continuidade do jornalismo em rede com relação a suportes anteriores. Os jornais impressos, desde longa data, mantêm arquivos físicos das suas edições passadas, abertos à consulta do público e utilizados por seus editores e jornalistas no processo de produção de informação noticiosa. No jornalismo impresso moderno foi sempre comum a publicação de pesquisas, baseadas em informação de arquivo, que complementam, ampliam ou ilustram o material noticioso corrente. O mesmo ocorre com relação às emissoras de rádio e TV, que mantêm arquivos sonoros e de imagem, eventualmente utilizados na produção de material noticioso de caráter jornalístico ou documental. No entanto, na produção jornalística em Rede, altera-se o lugar da documentação e da memória que, de complemento informativo, desloca-se para uma posição de fonte noticiosa direta (Machado, 2002: 63).

Com as tecnologias digitais, as bases de dados (Barbosa & Mielniczuk, 2005) e a disponibilização da informação em rede, os arquivos disponíveis para o acionamento da memória, no momento da construção do discurso jornalístico, tornam-se não somente acessíveis e facilmente pesquisáveis, mas tornam-se múltiplos. Antes da *web*, alguns jornais tinham melhores arquivos (mais completos, mais bem indexados) e portanto melhores condições de recurso à memória na produção do texto sobre a Atualidade; agora, mais e mais arquivos vão sendo digitalizados, indexados, tornados públicos e abertos, equalizando as condições de uso da memória, não só na produção, mas também na recepção. O usuário final pode também recorrer ao passado arquivado para, fácil e

D

Convergência e memória: jornalismo, contexto e história

rapidamente, situar e contextualizar a Atualidade que lhe é apresentada através do fluxo midiático.

CONSEQUÊNCIAS

Efeitos da digitalização da informação, da multiplicação e sofisticação das bases de dados, no que diz respeito à memória, fazem-se sentir:

a) Nas *rotinas produtivas* das redações jornalísticas, com a crescente facilidade de consultas e apropriação de informações em bases de dados internas e externas ao veículo, alargando as oportunidades de incorporação de informação memorialística como elemento de criação de contexto e aprofundamento à cobertura jornalística;

b) Nos *modelos de negócios*, com possíveis incorporações de elementos de memória como parte do negócio estabelecido para os jornais *on-line*, não apenas através dos modelos mais simples (e talvez já superados) de acesso seletivo e pago à informação pregressa, mas principalmente com a criação de novos produtos com repercussões positivas no plano da atração e fidelização de audiências;

c) Na *produção de formas narrativas* diferenciadas, com distintos modos de incorporação de memória (*background*, contexto, contraposição etc), em seus diferentes formatos (áudio, vídeo, fotos, textos, fac-símiles etc);

d) Nas *formas de interação* com o usuário, que passa a dispor de recursos para investigar, no próprio *site* do jornal, aspectos históricos em torno do material de Atualidade que lhe é oferecido, bem como, eventualmente, *personalizar sua memória* em espaços do próprio *site* jornalístico que utiliza (Palacios, 2008), através de clipagens, criação de arquivos temáticos personalizados ou utilização de ferramentas de indexação *on-line* (*Digg*, *Delicious*, *Flickr* etc).

A primeira consequência a ser ressaltada refere-se à potencialização do uso dos recursos de memória na estruturação do texto jornalístico e na sua edição. Não somente tornou-se mais fácil para os jornalistas incorporarem elementos de memória na produção do texto (comparações, analogias, nostalgia, desconstrução etc.), mas igualmente tornou-se praxe uma forma de edição que remete à memória. Textos relacionados passam a ser indexados hipertextualmente (*Leia mais*; *Veja também* etc.), seja através de um trabalho de edição humana, seja por um processo (nem sempre bem-sucedido!) de associação automatizada, através de *tags* e palavras-chave dos textos estocados nos arquivos e bases de dados dos veículos.

Salientamos, igualmente, a importância das novas formas de interação entre o jornalismo e seus usuários. No limite mínimo, comentários de leitores às notícias (potencializando enormemente as antigas *Cartas do Leitor*), bem como opiniões deixadas em fóruns ou seções criadas para abrigar *contribuições*

de jornalistas cidadãos passam a funcionar como uma espécie de *Marginália* ao texto jornalístico, como outrora anotavam nas margens suas opiniões e observações os copistas dos antigos manuscritos (Jackson, 2001, esp. 81-100) e mais recentemente os leitores de livros em suas cópias impressas. Uma nova área de interesse para o historiador deve abrir-se, portanto, a partir de tais inscrições, que somam vozes de usuários e registram suas reações aos textos originalmente produzidos pelos jornalistas.

Além disso, são cada vez mais comuns os *especiais* jornalísticos, *reportagens de cunho memorialístico*, usualmente comemorativas de datas e eventos históricos importantes, que produzem uma espécie de presentificação dos fatos, algumas vezes, inclusive narrando-os como se estivessem acontecendo na atualidade⁶. A recente comemoração dos 40 anos da ida do homem à lua foi ocasião para um grande número de produções desse tipo, em jornais do mundo todo. Em alguns casos, experimentos mais radicais hibridizam textos jornalísticos e relatos de memórias vividas dos usuários, a partir da solicitação explícita de que o leitor que vivenciou os fatos deixe seu registro em seções de *memórias dos leitores*, que são especialmente criadas, com hibridização de linguagens e presentificação do passado⁷.

Um novo gênero jornalístico em gestação? Deixo a questão para os especialistas.

A clipagem digital é outro aspecto emergente a ser considerado com respeito a novos usos (ou potencializações) da memória: arquivos pessoais de material jornalístico passam a ser facilmente construídos e instantaneamente recuperáveis e socialmente compartilhados, seja em portais jornalísticos que oferecem tal recurso (como AOL, por exemplo), seja através de ferramentas de *bookmarking social* em redes de armazenamento e compartilhamento de informações (como *Delicious*, *Digg*, *Flickr* etc.).

Finalmente, seria importante ressaltar que a memória, enquanto dimensão produtora de contexto e aprofundamento no produto jornalístico, deveria também passar a ser uma das variáveis a serem observadas e mensuradas quando nos referimos à avaliação de qualidade em jornais na *web*. Trata-se de tarefa nova, com desafios que começam a partir da própria necessidade de criação de instrumentos específicos para análise dessa dimensão ou característica do jornalismo na *web*, uma vez que o instrumental disponível, tanto teórico quanto empírico (questionários, fichas de avaliação, listagens de critérios etc.) tem sido, em sua grande maioria, criado e formatado para a análise de *sites* em geral, e não para o jornalismo em particular (Palacios, 2009b).

Podemos aceitar e por agora incorporar, talvez, a inquietante imagem do tempo líquido (Bauman, 2007), como uma característica de nossa contemporaneidade, que nos obriga, tal como a *Alice in Wonderland*, a correr com o

6 Um exemplo desse tipo de reportagem em jornal brasileiro teve como objeto uma viagem à Amazônia realizada pelo jornalista e escritor brasileiro Euclides da Cunha, em 1905. A descrição da viagem foi reapresentada, dia a dia, em linguagem *presentificada* (tempo presente), para comemorar o centenário da morte do escritor, em um *especial* do jornal *O Estado de S. Paulo* na web. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/especiais/o-ano-de-euclides-amazonia-revisitada,50463.htm>>. Acesso em 5 ago. 2010.

7 Uma análise de dois experimentos desse tipo, relacionados com datas comemorativas da II Guerra Mundial (no site da BBC e da revista brasileira *Veja*) estão em Casadei, s/d.

D

Convergência e memória: jornalismo, contexto e história

máximo de nossas forças para permanecer no mesmo lugar. Mas temos que aceitar também que, paradoxalmente, não escorrem pelo ralo os múltiplos registros destes tempos.

Ou talvez não haja paradoxo algum, mas sim uma consequência: a velocidade de nossos tempos é de tal ordem de grandeza que nos sentimos *compelidos* a guardar as imagens do presente para uma visita posterior, num futuro mais calmo, que teimamos em sonhar que virá a existir. Tal e qual fazem os turistas ao clicar desesperadamente suas câmeras fotográficas durante suas viagens, produzindo milhares de imagens que, muito provavelmente, ficarão esquecidas, porém estocadas, em algum HD ou cartão de memória na volta das férias. Imagens que, diferentemente da perenidade das marcas nas pedras de nosso ancestral neolítico, ou mesmo dos álbuns fotográficos de nossos pais, são tremendamente vulneráveis a *apagamentos* de todos os tipos, sejam os tecnológicos, sejam os do *esquecimento* puro e simples, que tão centralmente quanto a *lembança* faz parte do trabalho da memória. ■

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- ENNE, Ana Lucia. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. In: *Revista Fronteiras*. VI (2), 102-116, Porto Alegre, julho/dezembro 2004.
- FLUSSER, Vilém. O que é comunicação?. In: CARDOSO, Rafael (Org.). *O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FROSH, Paul & PINCHEVSKI, Amit (Orgs.). *Media Witnessing. Testimony in the age of mass communication*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.
- HOBBSBAWN, Eric. *A Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *A era das revoluções. 1789-1848*. São Paulo: Paz e Terra, 25ª Edição, 2009.
- JACKSON, H. J. *Marginalia – Readers writing in books*. New Haven and London: Yale University Press, 2001.
- _____. *Romantic Readers. The evidence of marginalia*. New Haven and London: Yale University Press, 2005.
- MACHADO, Elias. La estructura de la noticia en las redes digitales. *Tese Doutoral*. Barcelona: UAB, 2000.
- _____. O Jornal Digital como Epicentro das Redes de Circulação de Notícias. In: *Pauta Geral*, ano 9, n.4. Salvador: Calandra, 2002.
- MARX, Karl. *O Manifesto Comunista [1848]*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.
- MALDONADO, Tomás. *Memoria y conocimiento: sobre los destinos del saber en la perspectiva digital*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007, p. 61-68.

- MUSIL, Robert. *O Homem sem Qualidades*. São Paulo: Nova Fronteira, 1989.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. In: BARBOSA, Marialva; FERNANDES, Marcio; J. DE MORAIS, Osvando (Orgs.). *Comunicação, Educação e Cultura na era digital*. São Paulo: Intercom, 2009.
- PALACIOS, Marcos. A Memória como critério de aferição de qualidade no ciberjornalismo: alguns apontamentos. Comunicação apresentada no VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, Universidade Metodista, São Bernardo, 2008.
- _____. Putting yet another idea under the Glocalization Umbrella: Reader Participation and Audience Communities as market strategies in globalized online journalism. In: *First Bi-Lateral Brazil-South Africa Journalism Research Initiative (BSA-JRI Initiative)*, 2009, Stellenbosch. 1st Brazil/South Africa Journalism Studies Workshop, Stellenbosch, 2009a.
- _____. La memoria como criterio de valoración de calidad en el ciberperiodismo: algunas consideraciones. In: *Profesional de la Información*, v. 18, p. 270-276, Barcelona, 2009b
- SODRÉ, Muniz. Tempo e Acontecimento. In: BARBOSA, Marialva; FERNANDES, Marcio; J. DE MORAIS, Osvando (Orgs.). *Comunicação, Educação e Cultura na era digital*. São Paulo: Intercom, 2009.

Endereços eletrônicos

- BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana. Digital Journalism. Democratizing Social Memory. In: *Brazilian Journalism Research*, Vol.1, n. 2, semestre 2, 2005. Disponível em: <<http://www.unb.br/ojsdpp/viewissue.php?id=2>>. Acesso em: 03 set. 2009
- CASADEI, Eliza Bachega. Os novos lugares de memória na Internet: as práticas representacionais do passado em um ambiente on-line, s/d. In: *BOCC (Biblioteca Online de Ciências da Comunicação)*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/Casadei_memoria_Internet.pdf> Acesso em: 03 set. 2009.
- GOLDHABER, Michael. The Attention Economy and the Net. In: *First Monday*, Volume 2, Number 4 - 7 April 1997. Disponível em: <<http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/519/440>>. Acesso em: 05 set. 2009.
- LEMOS, André. Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. In: *Matrizes*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, ano 1, n.1, São Paulo: USP, 2007, pp.121-137. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/Media1AndreLemos.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2009.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História. A problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993, p.13. Disponível em espanhol em: <<http://cholonautas.edu.pe/memoria/nora1.pdf>>. Acesso em: 04/09/2009.

D

Convergência e memória: jornalismo, contexto e história

- PALACIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online; o lugar da Memória. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos. *Modelos do Jornalismo Digital*. Salvador: Calandra, 2003. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf>. Acesso em: 03 set. 2009.
- WOLTON, Dominique. Internet is not a media. Dominique Wolton in conversation with Catherine Mallaval, *Liberation*, 20/21 March 1999. Disponível em: <<http://www.nettime.org/Lists-Archives/nettime-l-9908/msg00118.html>>. Acesso em: 3 set. 2009.
- ZELIZER, Barbie. Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory. In: *Memory Studies* 1, 79, Sage, 2008. Disponível em: <<http://mss.sagepub.com/content/1/1/79.full.pdf+html>>. Acesso em: 03 set. 2009.

Artigo recebido em 5 de agosto e aprovado em 2 de setembro de 2010.